



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
MARIA HELENA CARVALHO DOS SANTOS

**GÊNERO HISTÓRIA EM QUADRINHOS:
ABORDAGEM EM UM LIVRO DIDÁTICO DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Itabaiana/SE
Fevereiro/2015

MARIA HELENA CARVALHO DOS SANTOS

**GÊNERO HISTÓRIA EM QUADRINHOS:
ABORDAGEM EM UM LIVRO DIDÁTICO DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso II apresentado ao Curso de Graduação em Letras, da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial à aprovação no componente curricular.

Orientador: Professor Dr. Derli Machado

Itabaiana/SE
Fevereiro/2015

“A língua materna, seu vocabulário e sua estrutura gramatical, não conhecemos por meio de dicionários ou manuais de gramática, mas graças aos enunciados concretos que ouvimos e reproduzimos na comunicação efetiva com as pessoas que nos rodeiam”. Mikhail Bakhtin

AGRADECIMENTOS

Agradeço a DEUS, fonte de toda força necessária, que ouviu minhas orações nos momentos de angústia e desânimo, pois a batalha foi árdua e muitas vezes pensei em desistir.

Aos meus pais, José Paulo e Maria Luzia, maiores incentivadores da minha formação educacional e acadêmica e que sonhavam em ver uma filha graduada, pois é se estou aqui agradecendo é porque consegui e dedico essa vitória a vocês. Aos meus irmãos, que apesar das brigas, sempre quiseram o melhor para mim. Amo vocês.

Ao meu noivo, Michael, por estar ao meu lado nos momentos de stress e choro, sempre me incentivando e desejando para mim um futuro melhor. Amo-te.

A minha família: tios (as), padrinhos, primos (as), em especial, minha tia Nazaré e minha prima Simone, que sempre me incentivaram.

A minhas amigas: Michele que conheço desde o pré-escolar e até hoje trilhamos o mesmo caminho, a licenciatura em letras, somos inseparáveis. Liliane e Monique, que conheci na UFS e que nesse momento tão difícil estiveram ao meu lado, amigas na alegria e na tristeza, nos momentos de batalha e de glórias, *amigas para sempre é o que nós iremos ser...* Sem esquecer-me da minha perua, Mayara, que também esteve ao meu lado me incentivando.

Aos professores do ensino fundamental e ensino médio, os quais me forneceram conhecimento para chegar à vida acadêmica. E aos professores da graduação, em especial, ao meu orientador Derli Machado.

Enfim, agradeço a todos que direta ou indiretamente contribuíram e torceram por mim.

Resumo

Os estudos acerca dos gêneros textuais vêm mudando, consideravelmente, a maneira como os autores dos livros didáticos de Língua portuguesa abordam esse tema. Neste trabalho, iremos analisar como o gênero história em quadrinhos, ou simplesmente as HQs, vem sendo abordada em livros didáticos de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental. Nesse sentido, o trabalho com os gêneros se deu pela necessidade de aperfeiçoar o conhecimento dos alunos sobre os variados tipos de discurso, em específico as HQs e também pelo desenvolvimento da produção textual e interpretativa para o uso no seu convívio em sociedade. Para isso, foram abordados alguns postulados teóricos sobre os gêneros textuais, seguindo as teorias sóciodiscursivas de Bakhtin (2003), Marcuschi (2008), Mendonça (2010), além da visão dos PCNs. O livro didático adotado para essa análise, realizada de forma qualitativa, é intitulado *Português: Linguagens*(2010), de Wiliam Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, exemplar do professor, destinado ao 6º ano do Ensino Fundamental. Esse livro, além dos conteúdos destinados para esse ano, tem um trabalho voltado para os gêneros textuais. Dentre eles, foi feita a escolha das HQs como corpus da pesquisa. Diante disso, percebeu-se que os aspectos funcionais e formais inerentes ao gênero quadrinhos foram explorados no tocante a sua composição, conteúdo e estilo. Já o propósito comunicacional foi abordado implicitamente.

Palavras-chave: gênero textual, gênero quadrinhos, livro didático.

Abstract

Studies about the genres have changed considerably, the way the authors of didactic books Portuguese investigated this issue. In this research, we will examine how gender comic has been approached in didactic books of Portuguese Language of elementary school. In this sense, work with genders was due to the need to improve the students' knowledge about the various types of discourse, specifically the comics and also the development of textual production and interpretation for use in their life in society. For this, we discuss some theoretical postulates about the genres, following the socio-discursive theories of Bakhtin, Marcuschi and Mendonça, beyond sight of PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais). The didactic book adopted for this analysis, performed qualitatively, is titled *Língua: Portuguesa* (2010), of William Roberto Cereja and Thereza Cochar Magalhães, teacher copy, for the 6th year of elementary school. In the book, besides the contents intended for this year, has a job facing the textual genres. Among them, was made the choice of comics as a corpus of research. Therefore, it was noted that the functional and formal inherent to the genre comics were explored with respect to its composition, content, style. Since the communication purpose was addressed implicitly.

Keywords: genre, comic genre, didactic book.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
I - Gêneros Textuais e abordagem do Gênero História em Quadrinhos.	12
1.1 Conceitos e teorias sobre os gêneros textuais	12
1.2 Os gêneros textuais no ensino de Língua Portuguesa	15
1.3 Abordagens das HQs	17
1.4 Gêneros Textuais no Livro Didático: pesquisas e análises	19
II – METODOLOGIA	24
III – ANÁLISE DO GÊNERO HISTÓRIA EM QUADRINHOS NO LIVRO DIDÁTICO	
<i>PORTUGUÊS: LINGUAGENS (2010)</i>.....	27
3.1 Descrição do corpus da pesquisa	27
3.2 Propostas de abordagens dos gêneros HQs no livro didático.....	28
CONCLUSÃO.....	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	38

INTRODUÇÃO

Dentre os estudos linguísticos, o estudo referente aos gêneros textuais foi um dos que mais se ampliou a partir da publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCNs). Antes, os gêneros textuais estavam associados somente à literatura, enquanto que atualmente a noção e as discussões sobre gêneros tornaram-se mais explícitas e passaram a abranger fenômenos socioculturais. Hoje, então, o “gênero é facilmente usado para referir uma categoria distintiva de discurso de qualquer tipo, falado ou escrito, com ou sem aspirações literárias”. (1990, p. 33, *apud*, MARCUSCHI, 2008, p.147).

Segundo Bakhtin (2003), os gêneros textuais são “tipos relativamente estáveis de enunciados”, marcados sócio-historicamente, visto que estão diretamente relacionados às diferentes situações sociais (KOCH, 2011, p. 54). Embora apresentem uma estrutura padronizada e específica, os gêneros textuais são moldados de acordo com contexto em que estão inseridos, o que não exclui a noção de que cada gênero possui características próprias, com relação à sua composição (aspectos estruturais), ao seu conteúdo (assunto), ao seu estilo (especificidades da escrita) e ao seu propósito comunicacional (finalidade).

Nesse mesmo viés, Luiz Antônio Marcuschi (2008) traz o conceito de gênero textual relacionado à perspectiva textual. Sendo assim, esse teórico define gêneros textuais como realizações linguísticas concretas que são determinadas de acordo com contexto sócio-comunicativo. Constituindo-se em textos empiricamente realizados em situações comunicativas, os gêneros textuais caracterizam-se por sua dinâmica e também por sua abrangência, pois se mostram um conjunto ilimitado de designações concretas que são estabelecidas através de seu estilo, de seu conteúdo, de sua função e de sua composição.

A partir dessas definições, notamos como os gêneros textuais se constituem “instrumentos de adaptação e participação na vida social e comunicativa”. (BRONCKART, 2001, *apud*, MARCUSCHI, 2008, p.221).

Tendo isso em visto, fica visível como os gêneros textuais funcionam como um instrumento produtivo dentro do contexto escolar, pois ajudam no reconhecimento do funcionamento da língua e também nas atividades culturais e sociais. Eles, usados de forma consciente e correta pelo professor, podem criar

situações que possibilitam aos alunos a aquisição de novos conhecimentos, a produção de significados e o conhecimento da estrutura destes gêneros incorporados à sua função sócio-comunicativa. Enfim, os gêneros textuais são importantes no processo de ensino-aprendizagem.

Como o corpus deste trabalho se volta para o gênero História em Quadrinhos, o qual se caracteriza pela sua linguagem verbal, não-verbal ou mista, podemos constatar que o trabalho com as HQs facilita a didática do aprendizado, assegurando aos alunos uma ideia mais ampla de gênero na medida em que aguça ou desenvolve a sua capacidade de interpretação por meio das imagens. As crianças, antes mesmo de frequentar a escola, já têm acesso ao mesmo, fazendo dele uma leitura imagética. Esse fato se dá devido às imagens serem coloridas e atrair a atenção das crianças.

O público alvo das HQs vai desde a fase infantil à fase adulta. Essa preferência do público infanto-juvenil e, até mesmo, do público adulto para com o gênero quadrinhos se dá pelo fato de serem narrativas que englobam várias personagens, dentre elas: heróis e anti-heróis. Também, pelo fato de existir um caráter humorístico dentro dos conteúdos abordados. As HQs, então, apresentam características estruturais e semânticas que aproximam o público-leitor, da leitura e da escrita, desenvolvendo competências que contribuem, por conseguinte, em seu desempenho escolar.

De acordo com os PCNs, os gêneros textuais oportunizam modo de produção textual ou de leitura de texto, como também forma de atuação sócio-discursiva numa cultura. Em relação ao gênero História em Quadrinhos, podemos notar que as suas contribuições ocorrem no âmbito da linguagem, da leitura, da capacidade interpretativa e, conseqüentemente, da produção textual. No entanto, as HQs ainda não fazem parte da seleção de textos com que o professor trabalha na sala de aula, pois, na maioria das vezes, esse gênero é abordado como texto suplementar ou apenas para o uso de atividades gramaticais.

Já no livro didático, as Histórias em Quadrinhos ainda são apresentadas como uma forma de ilustração, mas que poderiam ser bastante exploradas, uma vez que apresentam inúmeros recursos visuais. Muitas vezes, os autores dos livros didáticos se voltam para os aspectos formais e informais, que se fossem aprofundados poderiam ser favoráveis para o desempenho do aluno, visto que este

pode se centrar não só nos elementos gramaticais, mas também em seus recursos visuais que podem despertar a sua imaginação. Embora apresentem um caráter humorístico, as HQs são vistas, então, como pretexto para análise gramatical ou como texto figurativo.

Então, compete à escola aproximar o aluno das diversas formas de discurso, a fim de torná-lo mais apto na sua escrita e na sua fala, assim como em seu convívio social. Além disso, é necessário revermos as nossas práticas pedagógicas, muitas vezes, caracterizadas como um ensino mecanicista, pautado, sobretudo, nas regras gramaticais. Com essa revisão, estaremos evitando a cópia de um modelo tradicional de ensino e priorizando, portanto, outros métodos que valorizam a diversidade de gêneros textuais e não a “decoreba” das regras gramaticais.

Assim, podemos perceber que as grandes contribuições do gênero quadrinhos no processo ensino-aprendizagem ocorrem no âmbito da linguagem, da leitura, da capacidade interpretativa e, conseqüentemente, da produção textual. Dentro desse contexto, compete à escola inserir não só o gênero quadrinhos, como também os diversos gêneros textuais existentes, nos conteúdos programáticos, visando o desenvolvimento da comunicação do aluno no seu convívio social. De acordo com Schneuwly e Dolz,

os gêneros textuais, por seu caráter genérico, são um termo de referência intermediário de aprendizagem. Do ponto de vista do uso e da aprendizagem, o gênero pode, assim, ser considerado um mega instrumento que fornece um suporte para a atividade nas situações de comunicação, e uma referência para os aprendizes (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004, p.75).

Mediante a essas explicações, este trabalho almeja verificar como é abordado o gênero História em Quadrinhos na segunda unidade do livro *Português: Linguagens* (2010), de Wiliam Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, do Ensino Fundamental do Segundo Ciclo. Dessa maneira, objetivamos mostrar de que maneira os alunos conseguem interpretar e produzir textos, levando em consideração a composição, o conteúdo, o estilo e o propósito comunicacional do gênero supracitado, já que tais características estão correlacionadas entre si e são determinadas pelo contexto.

No primeiro capítulo, traremos uma noção do conceito de gênero textual, apoiando-nos em teóricos, como: Bakhtin(2003), Marcuschi (2008), Mendonça

(2010), como também a visão dos PCNs. Além disso, mostraremos a relevância dos gêneros textuais e, especificamente, do gênero História em Quadrinhos (HQs) no processo ensino-aprendizagem, dando uma ênfase as características, e por fim, nesse capítulo mostraremos como os livros didáticos vêm abordando os gêneros textuais e, em especial, o gênero HQs. No segundo capítulo, temos a metodologia utilizada para a realização deste trabalho. No terceiro capítulo, por sua vez, apresentaremos a análise do gênero História em Quadrinhos no livro *Português: Linguagens* (2010), de Wiliam Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, do 6º ano do Ensino Fundamental. Simultaneamente à análise, contextualizaremos com as teorias expostas.

I - Gêneros Textuais e abordagem do Gênero História em Quadrinhos.

1.1 Conceitos e teorias sobre os gêneros textuais

Os estudos acerca dos gêneros (textuais ou discursivos) passaram a ter uma ênfase maior no século XX, a partir dos postulados de Mikhail Bakhtin. Para este teórico, a noção de gênero retoma a ideia de enunciado, pois o uso da língua se concretiza por meio de enunciados tanto orais quanto escritos, emitidos por indivíduos que estão inseridos em uma ou em outra esfera da atividade humana. Nesse viés, compreendemos que a noção de gênero está diretamente relacionada com o contexto sócio-histórico, uma vez que se relaciona com as diversas circunstâncias sociais.

Em “Estética da criação verbal” (2003), Bakhtin define gêneros textuais como “tipos relativamente estáveis de enunciados”. Com isso, o teórico traz a concepção de como os gêneros são moldados de acordo com o contexto, embora apresentem estruturas padronizadas e específicas. Além disso, ele destaca também a relevância da heterogeneidade desses gêneros. Em termos bakhtinianos:

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gênero do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo (BAKHTIN, 2003, p. 262).

Por conta dessa heterogeneidade, Bakhtin subdivide os gêneros em primários e secundários. Em relação aos primários, temos o diálogo, a carta, que são estabelecidos em circunstâncias relacionadas a âmbitos sociais que envolvem o cotidiano. Os secundários, por sua vez, são relacionados à escrita e apresentam um caráter mais complexo devido à “forma composicional monologizada, absorvendo, pois, e transmutando os gêneros primários” (KOCH, 2011, p. 54). Como exemplos, temos: romance, artigo científico, teatro, resenhas acadêmicas, histórias em quadrinho, entre outros.

A diferença entre os gêneros primário e secundário (ideológico) é extremamente grande e essencial, e é por isso mesmo que a natureza do enunciado deve ser descoberta e definida por meio da análise de ambas as modalidades; apenas sob essa condição a definição pode vir a ser adequada à natureza complexa e profunda do enunciado (e abranger as suas facetas mais importantes); a orientação unilateral centrada nos gêneros primários redundaria fatalmente na vulgarização de todo o problema (behaviorismo linguístico é o grau extremado de tal vulgarização). A própria relação mútua dos gêneros primários e secundários e o processo de formação histórica dos últimos lançam luz sobre a natureza do enunciado (e antes de tudo sobre o complexo problema da relação de reciprocidade entre linguagem e ideologia). (BAKHTIN, 2003, p. 264).

Ainda de acordo com a teoria bakhtiniana, os aspectos inerentes aos gêneros textuais são: composição, conteúdo, propósito comunicacional e estilo que estão relacionados entre si. No que se refere à composição, Bakhtin assinala que, por conta da diversidade e da heterogeneidade das atividades humanas, a composição dos gêneros é também diversa e heterogênea, não permitindo, por conseguinte, um nível comum ao seu estudo. Quanto ao conteúdo, este, por sua vez, refere-se ao objeto do discurso, ou seja, o assunto com sua finalidade que também chamamos de propósito comunicacional. O estilo, entre os aspectos mencionados, é o mais enfatizado por Bakhtin. Para ele, essa característica está relacionada às escolhas lexicais, gramaticais e fraseológicas. Embora os gêneros possuam sua especificidade, eles assumem o estilo comum do escritor/falante, exceto aqueles que assumem uma forma padrão da linguagem.

Na visão de Luiz Antônio Marcuschi, em *Gêneros textuais no ensino de língua (2008)*, os gêneros são abordados na perspectiva textual. Para ele, então, os gêneros apresentam características dinâmicas e surgem com as necessidades sociais, culturais e comunicativas. Dessa maneira,

Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. Em contrapartida aos tipos, os gêneros são entidades empíricas em situações comunicativas e se expressam em designações diversas, constituindo em princípios listagens abertas (MARCUSCHI, 2008, p.155).

Atentando-nos a este fragmento, fica evidente a distinção entre gêneros textuais e tipos textuais. Em sua concepção, estes se caracterizam “muito mais como sequências linguísticas do que como textos materializados” (MARCUSCHI,

2008, p.154) e indicam somente as seguintes categorias: narração, argumentação, exposição, descrição e injunção. É importante salientar que existe um equívoco no que se refere à expressão “tipo de texto”. Geralmente, emprega-se essa expressão para designar um gênero textual como vemos no exemplo: o bilhete é um “tipo de texto” informal, sendo na realidade um gênero textual informal. Diante dessa distinção, é importante acrescentar ainda que em um gênero textual é possível encontrar um ou mais tipos textuais.

Além dessa distinção, outro conceito abordado por Marcuschi é o domínio discursivo. Este constitui uma “esfera da atividade humana”. Nesse contexto, esse termo indica em qual esfera da atividade humana os gêneros circulam: discurso jurídico, discurso jornalístico, discurso literário, discurso acadêmico, discurso religioso.

Outra questão levantada por esse teórico está relacionada ao suporte dos gêneros textuais, que se trata do ambiente físico ou virtual em que o mesmo se concretiza. Assim, o autor utiliza a seguinte definição para suporte: “entendemos aqui como suporte de um gênero locus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto”. (2008, p.174).

Ainda em relação aos postulados de Marcuschi, temos a intergenericidade, que consiste na “hibridização ou mescla de gêneros em que um gênero assume a função do outro” (MARCUSCHI, 2008, p.165). Com isso, podemos afirmar que um textopode assumir a estrutura de um gênero, mas a sua finalidade, o seu estilo e sua função social serem de outro gênero.

Por fim, é importante salientar que, assim como Marcuschi faz uma distinção entre gênero textual e tipologia textual, ele também aponta um equívoco existente entre suporte e gênero. Aquele funciona como um meio em que este é divulgado, devendo sempre haver uma relação de especificidade entre ambos. A partir daí, o teórico elenca dois tipos de suporte: convencional e incidental. Enquanto o primeiro é produzido de acordo com sua função de portar ou fixar textos, o segundo opera de acordo com o contexto, podendo, com isso, ser realizado infinitas vezes com relação aos textos escritos.

Para Barbara Hemais e Bernadete Biasi-Rodrigues, em *A proposta sócio-retórica de John M. Swales para o estudo de gêneros textuais* (2005), Bazerman foi um grande estudioso que desenvolveu suas pesquisas voltadas para o trabalho com a escrita, a retórica e o conhecimento pautado numa dinâmica social. Esse autor trabalha numa mesma perspectiva de Miller, outra autora que desenvolveu suas pesquisas baseadas na noção de gênero como ação social.

Nesse contexto, Miller destaca que a noção de gênero não deve somente se basear nos métodos de composição ou estrutura, como também se basear na construção de sentido da escrita e fala estruturada no gênero como ação social.

Segundo ela,

Se o gênero é entendido como ação social, temos aqui uma definição que aponta para critérios pragmáticos como características demarcadoras dos gêneros. Miller (1984, p.151) reitera que “compreender o gênero socialmente pode nos ajudar a explicar como encontramos, interpretamos, reagimos a e criamos certos textos”. O gênero espelha a experiência de seus usuários — e um texto é a materialização desta experiência, por meio da ação ali levada a cabo, de sua forma e sua substância (MEURER; BONINI; ROTH, 2005, p.133)

Ainda de acordo com a abordagem de Charles Bazerman, podemos ressaltar que sua grande contribuição, não só para a noção dos gêneros textuais, como também para o ensino de línguas, dá-se no âmbito do intermédio das comunicações socioculturais.

1.2 Os gêneros textuais no ensino de Língua Portuguesa

A grande relevância dos Parâmetros Curriculares Nacionais para muitos educadores e estudiosos é a discussão sobre práticas pedagógicas e a questão da educação no Brasil. Como este trabalho trata-se de um estudo centrado nos gêneros textuais, fica evidente a necessidade de os mesmos não serem utilizados apenas como pretexto para se ensinar a gramática normativa, e sim, serem interpretados integralmente.

Dessa maneira, os gêneros textuais

devem ser os princípios que sustentam o trabalho escolar, afinal, não há como trabalhar com a linguagem sem os gêneros, uma vez que ela ocorre por meio deles. Infelizmente, há, ainda, muitas escolas que trabalham com os gêneros na sala de aula, simplesmente, porque eles constam nos guias curriculares, mas não são explorados como deveriam, ignoram que fazem relação com as práticas sociais, por isso, não há como fazer um trabalho eficiente, visto que o professor não trabalha considerando os aspectos que estão fora do contexto escolar, trazendo estes fatores para o universo da escola. (SEGATE, 2010, p. 09).

As diretrizes nacionais da educação para o ensino de Língua Portuguesa no ensino fundamental abordam questões relacionadas às práticas de leitura e à produção de textos orais e escritos. Estas práticas devem estar atreladas a considerações sobre o trabalho linguístico. Assim, nós, enquanto futuros professores de Língua Portuguesa, precisamos rever as nossas práticas pedagógicas, muitas vezes caracterizadas como um ensino mecanicista pautado, sobretudo, nas regras gramaticais.

Nesse contexto, devemos mudar essas antigas práticas pedagógicas e aplicar novas metodologias pautadas no ensino/estudo dos gêneros textuais. Com isso, devemos compreender, por meio deste trabalho, o conceito e as características dos gêneros textuais em sua função comunicativa, bem como as suas possibilidades de serem trabalhados em sala de aula. Assim, notamos que,

no processo de ensino e aprendizagem dos diferentes ciclos do ensino fundamental espera-se que o aluno amplie o domínio ativo do discurso nas diversas situações comunicativas, sobretudo nas instâncias públicas de uso da linguagem, de modo a possibilitar sua inserção efetiva no mundo da escrita, ampliando suas possibilidades de participação social no exercício da cidadania (PCN-EF, 1999, p.32).

Daí, então, notamos como os gêneros textuais na forma de ferramentas didáticas são indispensáveis no ensino/aprendizagem, pois o contato com a sua multiplicidade possibilita aos alunos se inserirem em um contexto sociocomunicativo.

Apesar de toda importância dos gêneros textuais no ensino de Língua Portuguesa, Marcuschi afirma que os PCNs, embora sejam inovadores em muitos aspectos, trazem uma abordagem superficial em relação aos gêneros. Ao analisá-

los, ele verifica a problemática dos PCNs em tratar os gêneros, uma vez que neles “há gêneros mais adequados para a produção e outros mais adequados para a leitura” (MARCUSCHI, 2008, p. 206). Nesse caso, é visível um confronto entre recepção e produção, mesmo sabendo que ambas as atividades estão intrinsecamente associadas.

Assim como nos PCNs, nos manuais de ensino de Língua Portuguesa também se nota uma insuficiência em relação à multiplicidade de gêneros textuais. Conforme Marcuschi, os manuais mais tradicionais contemplam gêneros que muitas vezes não condizem com realidade sintética, visto que eles são relativamente os mesmos, enquanto os demais aparecem como uma forma de entretenimento para os alunos, sem nenhuma preocupação em explorá-los. É importante ainda salientar que esses gêneros contemplados são de caráter escrito, excluindo, por conseguinte, os gêneros de caráter oral que estão inseridos no universo cotidiano dos alunos.

1.3 Abordagens das HQs

Um possível surgimento das HQs pode ter sido nas artes rupestres, como cita Eisner “Numa posição mais radical, há quem diga que as HQs – a chamada “arte sequencial” (Eisner, 1999) – tiveram início nas pinturas rupestres”. (MENDONÇA, 2010, p.210). No século XIX, com as histórias de Busch e Topffer, tendo o “Menino Amarelo”, como o primeiro herói das HQs, esse gênero teve seus primeiros precursores. Esse herói foi desenhado por Richard Outcault e publicado no jornal New York World. A grande contribuição desse personagem foi a inclusão dos balões como lugar da linguagem verbal nesse gênero. Logo depois, no século XX, as HQs passaram a ser publicadas em jornais e revistas e depois essa publicação ganhou outro suporte, os gibis.

Além de serem publicadas nos gibis, as HQs também passaram a ser vinculadas em revistas destinadas tanto ao público adulto como o infantil, com diversas funcionalidades. Nos gibis brasileiros, destinados ao público infantil, há sempre um personagem a ser dedicado, como: Mônica, Cascão, Mafalda, Luluzinha,

Pato Donald etc. Estes personagens aparecem também em almanaques que possuem o mesmo autor ou desenhista.

Segundo Mendonça (2010), devido à complexidade das HQs no funcionamento discursivo e na sua tipologia, procuraremos citar apenas suas características. Por serem apresentadas em quadros, desenhos e balões, as HQs, visualmente, são fáceis de serem identificadas. Geralmente, esse gênero é tipologicamente narrativo, pois se apresenta como uma história sequencial, ou seja, que tem começo, meio e fim. Entretanto, pode também apresentar-se em tipos de textos argumentativos e injuntivos.

Ainda de acordo com a autora, as HQs são divulgadas, predominantemente, na esfera discursiva jornalística, tendo em vista o meio em que circula esse tipo de gênero. No entanto, as HQs também podem estar inseridas na esfera discursiva literária. Cabe ressaltar que, por seu caráter humorístico e de entretenimento, esse gênero era chamado de subliteratura e, por isso, era pouco abordado nas aulas como procedimento metodológico para o ensino-aprendizagem.

Como neste trabalho a grande ênfase é a análise das histórias em quadrinhos no livro didático, o domínio discursivo não é o jornalístico, e sim, o escolar. Dentro desse contexto, o livro didático é o suporte para esse tipo de gênero. Por se tratar de uma narrativa mais longa e ocupar muito espaço, as HQs não tem tanto destaque nos livros, e na maioria é comum os autores trabalharem com o gênero tira, o qual segundo alguns teóricos é considerado subtipo das HQs.

O gênero tira, está situado dentro dos gêneros verbais e não-verbais. Este, segundo Mendonça, é “um subtipo de HQ; mais curtas (até 4 quadrinhos) e, portanto, de caráter sintético, podem ser sequenciais (“capítulos” de narrativas maiores) ou fechadas (um episódio por dia)” (2010, p.214). Além disso, as tiras podem ser divididas em: tiras piadas e tiras episódio. Nestas, o humor baseia-se no tema, enquanto que naquelas o humor é adquirido através das estratégias discursivas. Essa caracterização das tiras como subtipo das HQs, torna-se errônea, pois, assim como as HQs, as tiras possuem uma estrutura composicional, uma funcionalidade, um conteúdo temático, um estilo, ou seja, aspectos inerentes a um gênero textual, como postula Bakhtin.

1.4 Gêneros Textuais no Livro Didático: pesquisas e análises

Diante da proposta levantada pelos PCNs sobre a importância da inserção dos gêneros textuais ao estudo de Língua Portuguesa, torna-se necessário trazermos, para este trabalho, a maneira como os livros didáticos de LP abordavam os gêneros textuais, já que este trabalho tem como corpus o gênero quadrinhos, no livro didático.

É imprescindível destacar que o livro didático, na maioria das vezes, é o único ou o principal recurso metodológico utilizado pelos professores. Assim, não podemos desconsiderar a relevância do LD no processo de ensino/aprendizagem, pois ele serve para mediar o conhecimento entre aluno/professor. Segundo Oliveira,

Os livros didáticos adquiriram uma presença inevitável e quase inquestionável no ambiente escolar. Infelizmente, há livros didáticos de qualidade duvidosa. O professor não pode deixar de analisar criticamente as atividades ali propostas, antes de decidir usá-las com seus alunos. Para proceder à análise, ele precisa de alguns critérios nos quais se basear para decidir de usará a atividade exatamente da forma proposta pelo livro didático, se precisará modificá-la ou se irá descartá-la. (OLIVEIRA, 2010, p. 100)

Tal relevância nos instigou a observar como os gêneros textuais estão sendo abordados nos livros didáticos, no caso deste trabalho, no livro *Português: Linguagens*, do 6º ano, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães.

Sabe-se que antes da proposta dos PCNs, o tratamento dado aos gêneros textuais nos livros didáticos era de suporte para o ensino de gramática. Em geral, eram citados como textos, sem referência a um gênero textual, e solicitado aos alunos por meio de exercícios relacionados à parte gramatical, ou seja, não era explorada sua funcionalidade, sua função na sociedade. Assim, afirma Fiorin,

Depois que os Parâmetros curriculares Nacionais estabeleceram que o ensino de Português fosse feito com base nos gêneros, apareceram muitos livros didáticos que vêem o gênero como um conjunto de propriedades formais a que o texto deve obedecer. O gênero é, assim, um produto, e seu ensino torna-se, então, normativo. (FIORIN, 2006, p.60)

Nesse sentido, percebe-se que, após a proposta dos PCNs, os autores dos livros didáticos ampliaram a inserção dos diversos tipos de gêneros (poemas, artigos de opinião, histórias em quadrinhos, tiras, charges, anúncios publicitários, músicas) e, conseqüentemente, passaram a trabalhar com explicações mais aprofundadas da estruturação dos gêneros, com a sua produção, o seu desenvolvimento da linguagem falada/escrita para o uso no cotidiano.

Para levantar questões referentes à análise dos gêneros textuais no livro didático, esse estudo se baseou em pesquisas cujos resultados serão citados em resumos sucintos.

Segundo Farias (2013), em *Gêneros Textuais em Livros Didáticos: Uma Análise de Duas Coleções do Ensino Médio*(2013), ficou constatado que nas duas coleções pesquisadas: *Português: Linguagens*, de Cereja e de Magalhães, (2005/2010), e *Português: Ensino Médio*, de Nicola, (2008), há uma grande diversidade de gêneros textuais. Com isso, percebe-se uma relevância, por parte dos autores, no desenvolvimento de leitores/produtores críticos, eficientes e com inúmeras habilidades. Ainda de acordo com a autora, “não deveria existir mais espaço nos livros didáticos para o trabalho com textos centrado apenas nas estruturas gráficas, lexicais, frasais, textuais e esquemáticas”. (FARIAS, 2013, p.103). Assim, compete ao professor analisar os exercícios propostos e decidir a metodologia que utilizará em suas aulas.

Em *Português: Linguagens*, de Cereja e Magalhães (2005/2010), Farias observou que, mesmo a coleção apresentando um grande número de gêneros textuais, a maioria não aborda a sua forma nem o seu aspecto funcional. Outro aspecto observado foi a repetição de exercícios, competindo, assim, ao professor saber selecioná-los. Mas, é notório destacar os aspectos positivos desta coleção, como: o trabalho com gêneros orais e escritos; exercícios que abordam o gênero ao seu contexto de formação; a variedade de temas direcionados, principalmente, aos jovens, preparando-os para o seu futuro como cidadão, quanto a isso o livro didático assume um papel relevante.

Em relação à coleção *Português: Ensino Médio*, de Nicola (2008), Farias inicialmente observou que os gêneros são utilizados como desculpa para se trabalhar a gramática normativa. Outro aspecto negativo refere-se ao trabalho com os gêneros orais, o qual não detalha a maneira como ser apresentado em sala de

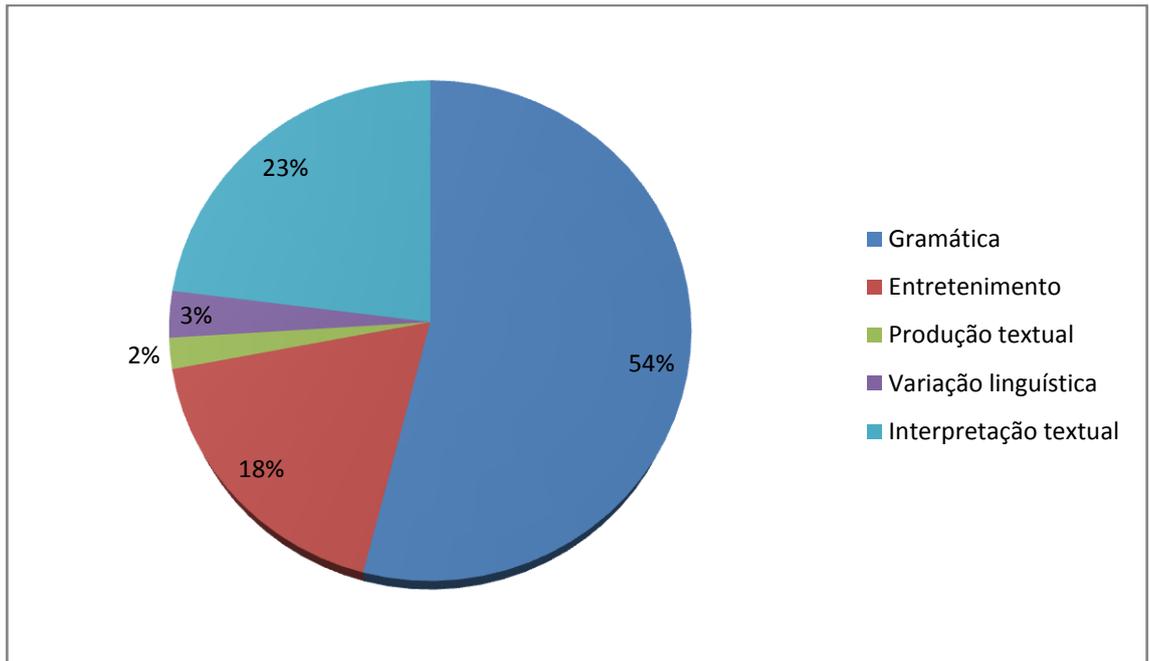
aula, como: um seminário, uma mesa-redonda, um debate, entre outros. Assim como na coleção supracitada, Nicola aborda uma diversidade de temas, embora, segundo Farias, essas temáticas não sejam discutidas de modo a afastar o aluno da sociedade em que vive. Além disso, ficou constatado a falta de gêneros como: entrevista de emprego, curriculum vitae, resumo, relatório, e-mail, etc., sendo estes de grande importância para o público-alvo.

De um modo geral, a autora observou que poderia haver um melhor desenvolvimento e uma ampliação para com a abordagem dos gêneros referentes a cada ano curricular trabalhado. Em contrapartida, foram expostos alguns pontos positivos como: caracterização e orientação visando a produção dos gêneros; além disso, a grande ênfase está relacionada a atividades baseadas em projetos, cujo objetivo é levar o aluno ao exercício de sua cidadania.

No que se refere aos resultados de pesquisas voltadas para a abordagem do gênero história em quadrinhos no livro didático, procuramos buscar referência no trabalho de Almeida, Menezes e Mitma (2010), intitulado *A instrumentalização das histórias em quadrinhos na sala de aula* (2010). Para isso, foram selecionados oito livros: *Tudo é linguagem* (2006), de Ana Borgatto; *Ler, entender, criar* (2004), de Vieira e Figueiredo; *Textos e linguagens*, de Simões e Santos; *Linguagem Nova* (1995), de Faraco e Moura; *Pensar, expressar e criar* (1992), de Martins e Maranhão; *Português em outras palavras* (1997), de Gonçalves e Rios; *Gramática Fundamental* (2007), de Tufano e *Português Para Todos* (2002), de Terra e Cavallete.

Segundo as autoras, diante dessas análises, verificou-se que as HQs mais abordadas foram: Turma da Mônica, de Maurício de Souza; Hagar, de Dik Browne; Calvin e Haroldo, de Bill Watterson; Mafalda de Quino e Garfield, de Jim Davis. Com isso, verificou-se também que as HQs tiveram um trabalho mais voltado para o ensino da gramática. Porém, observaram também um trabalho de interpretação e produção de texto, entretenimento, variação linguística e da constituição das HQs. Como vemos, nos percentuais mostrados no gráfico a seguir:

Gráfico 1



(Fonte: ALMEIDA, Katiana de Jesus; MENEZES, Meiryelle Paixão; MITMA, Simone de Meneses; 2010, p. 252).

Com base no ensino gramatical, as autoras observaram que as HQs são utilizadas para os alunos encontrar e analisar classes gramaticais; também são utilizadas como pretexto para se ensinar regras gramaticais. Já com relação ao entretenimento, os livros trazem esse gênero devido ao seu caráter humorístico na maioria das HQs. Quanto à produção e à interpretação textual, observou-se que, na maioria das vezes, não ocorre no âmbito da produção de sentido, pois geralmente estão voltadas para a exploração das imagens feitas através da linguagem verbal e não-verbal. No que se refere à variação linguística, esta, apesar de vir ganhando espaço nos livros, não aborda as questões voltadas para a oralidade como objeto de ensino. E, por fim, quanto aos aspectos referentes à constituição da HQs, constata-se que são pouco abordados e observados pelos alunos, sendo, portanto, papel do professor transformar esses aspectos em objeto de estudo.

Diante do exposto, as autoras chegaram à conclusão que mesmo o livro didático não contemplando os objetivos traçados pelos PCNs com relação à compreensão, à produção de discursos e à abordagem dos gêneros textuais, abre um espaço para a reflexão sobre a língua. Caso esses objetivos fossem trabalhados, os alunos aprenderiam a caracterizar melhor o gênero HQs dentro do âmbito em que

estão inclusos. Assim, conseqüentemente, entenderiam melhor a propagação e a finalidade do gênero em questão.

E, por fim, elas propõem um conhecimento voltado para a elaboração de conceitos, observações e usos das HQs, visando contribuir ainda mais para o saber e aprimoramento educacional dos alunos.

II – METODOLOGIA

Para desenvolver este trabalho, foram utilizados pressupostos teóricos que serviram de base para a construção da análise e, cujo objetivo é mostrar como o gênero quadrinhos é abordado no livro didático. Esse enfoque se dá devido à relevância desse gênero para o ensino/aprendizagem.

Para cumprirmos os objetivos delimitados neste trabalho, foi necessário adotar o método qualitativo, já que se designou analisar a aplicação didática do gênero textual HQ (história em quadrinho) no livro *Português: Linguagens* (2010), de William Roberto Cereja e de Thereza Cochar Magalhães, do Ensino Fundamental do Segundo, do 6º ano. Dessa maneira, a investigação que desenvolvemos esteve calcada em materiais e métodos de pesquisa que nos ofereceram informações e reflexões sobre o tema selecionado.

O livro analisado nesta pesquisa foi publicado em 2010, pela Editora Atual e compreende a 6ª edição reformulada. Os autores são William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães e destina-se ao 6º ano do Ensino Fundamental, sendo um exemplar voltado para o professor. Privilegiamos, neste trabalho o 6º ano, pois há na 2ª unidade um enfoque ao gênero quadrinho. Quanto a sua organização, o livro possui 4 unidades: No mundo da fantasia; Crianças; Descobrimo quem sou eu e Verde, adoro ver-te, sendo que cada uma contém 3 capítulos. No início de cada unidade há sempre um texto ou uma imagem que introduz o assunto dos capítulos. Logo após a seção *Fique ligado! Pesquise!*, há indicações de livros, de sites, de filmes que contêm o assunto a ser abordado e no final de cada unidade há uma seção denominada *Intervalo*, a qual se destina a criação e a exposição de projetos, cujo objetivo é incluir todos os alunos da turma.

Ainda de acordo com a organização do livro, os capítulos se dividem em seções: Estudo do texto; Produção de texto; Para escrever com adequação/coerência/coesão/expressividade; A língua em foco e, por fim, De olho na escrita.

É importante ressaltar que em cada capítulo, a seção *Produção de texto* aborda, com ênfase, um gênero textual. Na primeira unidade, temos o gênero conto maravilhoso; na segunda unidade, histórias em quadrinhos; na terceira, o

relato pessoal, a carta pessoal e os gêneros digitais, o e-mail, o diário, o blog e o twitter e, na quarta unidade, o texto de opinião e o cartaz. Diante do exposto, é evidente destacar que o presente trabalho não tem como objetivo analisar o livro integralmente, mas somente, a segunda unidade, cujo conteúdo volta-se para o gênero quadrinhos.

No que se refere aos conteúdos, Cereja e Magalhães fazem um trabalho voltado para a leitura e produção dos mais variados gêneros textuais que circulam na sociedade. Para isso, utilizam-se de textos da literatura universal e da literatura moderna brasileira. Nesse contexto, os autores exploram um trabalho com a gramática, baseando-se na evolução da linguística e na análise do discurso, sem deixar de lado as concepções da gramática normativa. É notório também destacar que há um enfoque nos gêneros orais e nos vários tipos de linguagens, como: a pintura, a fotografia, anúncio publicitário, cartum e outros.

Desde já, percebe-se que os autores vêm seguindo a proposta dos PCNs de trabalhar com a leitura, a produção de textos e a gramática, baseados nos gêneros textuais, numa perspectiva da língua falada/escrita em seu uso social, como vemos a seguir:

Em síntese, pensamos que o ensino de português, hoje, deve abordar a leitura, a produção de textos e os estudos gramaticais sob uma mesma perspectiva de língua – *a perspectiva enunciativa de língua, isto é, como meio de ação e interação social*. Nesse sentido, alteram-se o enfoque, a metodologia e as estratégias de ensino de língua portuguesa, que se volta essencialmente para um trabalho integrado de leitura, produção de texto e reflexão sobre a língua, desenvolvida sob uma perspectiva textual e enunciativa. (CEREJA; MAGALHÃES, 2010, p.2)

No quadro abaixo, temos os gêneros encontrados no livro analisado:

	Gêneros presentes na coleção	Quantidade
01	Pintura	06
02	Conto	05
03	Poema	19
04	Tira	52
05	Cartum	15
06	Anúncio	13
07	Fábula	04
08	E-mail	02

09	Música	02
10	Anedota	04
11	Folheto	01
12	Receita	03
13	Bilhete	01
14	Notícia	12
15	História em quadrinhos	03
16	Piada	04
17	Diário	03
18	Paródia	01
19	Romance	01
20	Cartaz	03
21	Fotografia	03
22	Relato pessoal	03
23	Carta pessoal	01
24	Crônica	02
25	Texto de opinião	01
26	Advinhas	02
27	Reportagem	01
28	Leis	01

III – ANÁLISE DO GÊNERO HISTÓRIA EM QUADRINHOS NO LIVRO DIDÁTICO *PORTUGUÊS: LINGUAGENS*(2010)

3.1 Descrição do corpus da pesquisa

Diante dos diversos gêneros textuais existentes, procuramos neste trabalho mostrar a relevância do gênero história em quadrinhos (HQs) no ensino de Língua Portuguesa. Assim, este trabalho visa mostrar como o gênero é abordado e de que maneira os alunos conseguem interpretar e produzir textos, levando em consideração a composição (aspectos estruturais), conteúdo (assunto), estilo (especificidades da escrita) e propósito comunicacional (finalidade) do gênero supracitado. Tais características estão correlacionadas entre si e são determinadas pelo contexto. Como afirma Bronckart, é importante trabalhar com os gêneros pelo fato de serem “instrumentos de adaptação e participação na vida social e comunicativa”. (2001 *apud*, MARCUSCHI, 2008, p.221).

Neste trabalho, então, procuramos explorar, a partir da linguagem e da produção textual sugeridas nas HQs, os aspectos funcionais e formais inerentes ao gênero. Pois, o trabalho com as HQs facilita a didática do aprendizado, assegurando aos alunos uma ideia mais ampla de gênero na medida em que aguça sua capacidade de interpretação por meio das imagens. Para isso, compete à escola aproximar o aluno das diversas formas de discurso, típicas das HQs, a fim de torná-lo apto na sua escrita, na sua fala e também em seu convívio social.

Conforme já foi mencionado, iremos fazer uma análise dos aspectos relevantes da HQ, selecionada de cada capítulo da segunda unidade do livro didático. Esta unidade intitulada “Crianças” aborda textos direcionados ao público infantil, visando despertar o imaginário, a capacidade interpretativa, o aperfeiçoamento da leitura, o desenvolvimento das linguagens verbal e não-verbal, a identificação de textos, bem como a observação e o uso de alguns aspectos da língua.

3.2 Propostas de abordagens dos gêneros HQs no livro didático

Assim como já foi citado no corpus desse trabalho, iremos, por meio das teorias, analisar a unidade 2 do livro, a qual tem como proposta um estudo baseado em gramática, assim como um estudo pautado na leitura, na interpretação e produção textual, voltados para os gêneros textuais, em específico a história em quadrinhos.

Nessa unidade, como em todas do livro, há um trabalho voltado para a produção textual de um gênero, sendo nessa o gênero em questão, as histórias em quadrinhos. Fica claro que os autores buscam nesse livro se adaptar as propostas dos PCNs de trabalhar com a leitura, a interpretação, a produção de sentido, pautados no estudo dos gêneros orais ou escritos.

Ainda de acordo com o trabalho dos gêneros textuais, nessa unidade também aparecem outros gêneros, como: a pintura, o cartum, o poema, o anúncio, a música, a fábula, o cartaz e, em maior quantidade, as tiras, subtipos das HQs. É importante ressaltar que o trabalho com esses gêneros está voltado principalmente para o estudo de gramática. Porém, há alguns, como a pintura, intitulada “O passageiro clandestino”, de Norman Rockwell, que vem na seção *Cruzando linguagens* com objetivo de os alunos observarem e traçarem as semelhanças e as diferenças em relação à linguagem do gênero quadrinhos.

No que se refere às HQs, nessa unidade, o enfoque se dá explicitamente, pois são abordados os aspectos inerentes à sua composição, ao seu estilo, ao seu conteúdo; simultaneamente com o trabalho da leitura, da interpretação e da produção do gênero. Já com relação à finalidade do gênero e a variação linguística, observa-se que ambas são trabalhadas de maneira implícita.

Texto 1

CAPÍTULO 1

Coisa de criança

Crianças adoram bichos. Por eles, são capazes de fazer qualquer coisa, até sacrifícios. O que poderia atrair mais o interesse de uma criança do que um bicho de estimação?

Leia esta história em quadrinhos:





(Ziraldo. *Maluquinho por bichos*. São Paulo: Globo, 2006. p. 70-3.)

(Fonte: CEREJA, W. Roberto; MAGALHÃES, T. Cochar, 2010, p.81-82).

No capítulo 1, intitulado *Coisa de criança*, os autores introduzem o gênero histórias em quadrinhos a partir da história *Nina em coisas da vida*, de Ziraldo. Este escritor e cartunista é conhecido por escrever e publicar, principalmente, obras infantis, como: *O Menino Maluquinho*, *Uma professora bem maluquinha*, *Vovó Delícia*, *Menina Nina*, *O menino marrom* e outras. Ainda antes mesmo de trazerem a HQ, os autores apresentam uma colocação sobre a adoração que as crianças sentem por animais de estimação, já introduzindo a temática da história.

Logo após a apresentação dessa história, é proposto, por meio do *Estudo do texto*, uma atividade de cinco questões, visando a compreensão e a interpretação. O tema central da história é o amor incondicional que Nina sente por Flóris, seu peixinho de estimação. Nesta atividade, as questões são mais direcionadas ao texto, entretanto, há questões voltadas para resposta pessoal do aluno. Vale ressaltar também que há questões voltadas para o sentido que determinada expressão possui. Como podemos ver na questão 3, letras a e b:

Figura1

3. A mãe diz a Nina que, quando ela se casar, o peixe já “terá partido”.

a) O que a mãe realmente quis dizer? Quis dizer que o peixe já terá morrido.

b) Na sua opinião, por que ela não disse isso diretamente?

Para não chocar a menina com uma notícia triste.

Quadrinhos

(Fonte: CEREJA, W. Roberto; MAGALHÃES, T. Cochar, 2010, p.83).

Ainda no tópico *Compreensão e Interpretação*, Cereja e Magalhães trazem um pequeno texto em que aponta como as HQs são nomeadas em diferentes países e também aqui no Brasil, denominadas gibis.

Ainda em relação à história em quadrinhos de Nina, no tópico *A linguagem do texto*, é trabalhado outro exercício em que é explorado o significado das expressões linguísticas que aparecem no texto de forma diferenciada, ou seja, são abordados os aspectos semânticos da língua. Como na seguinte questão:

Figura 2

▶ A LINGUAGEM DO TEXTO

1. Diante do convite do pai para jogar damas, Nina responde: “Nananina-não!”. Qual é a diferença de sentido entre dizer **não** e **nananina-não**? A expressão *nananina-não* é mais enfática; equivale a dizer “Não mesmo!”.

(Fonte: CEREJA, W. Roberto; MAGALHÃES, T. Cochar, 2010, p.84).

No tópico *Leitura expressiva do texto*, é sugerido aos alunos que se reúnam em grupos, com o objetivo de realizarem uma leitura da HQ de Nina, sendo que essa atividade deve ser feita com expressividade e entonação, seguindo fielmente as características das personagens. Ainda, é proposta a criação de uma HQ, sendo indicada pelos autores no site de Maurício de Sousa, como auxílio para esse tipo construção.

Até, então, só foram abordados sobre a HQ, de Ziraldo, o trabalho com interpretação e os aspectos semânticos da língua. É a partir da seção *Produção de texto* que os aspectos inerentes ao gênero, que são trabalhados por Bakhtin, começam a ser abordados. Desse modo, os autores trazem uma atividade em que as questões são direcionadas ao estilo, na medida em que exploram alguns aspectos da linguagem verbal: palavras que imitam sons e ruídos, ou seja, as onomatopeias. Essa linguagem também se aproxima da língua falada no nosso dia-a-dia.

Vale ressaltar que os enunciados das questões já direcionam para as respostas e as características do gênero, como visto na seguinte ilustração:

Figura 3

5. Uma história em quadrinhos conta, conforme seu nome diz, uma história. É, portanto, uma narrativa que envolve fatos, personagens, tempo e espaço. Os fatos se organizam em sequência, numa relação de causa e efeito. Observe que, na história em quadrinhos de Ziraldo, o fato de Nina ficar o tempo todo com Flóris produz um efeito no pai e na mãe dela. Quando a mãe conta a Nina que o peixinho irá morrer, isso também causa um efeito.
- a) Que efeito é esse? Nina chora.
- b) Esse efeito é o esperado pela mãe de Nina? Por quê? A mãe certamente esperava que a menina tivesse alguma reação, mas não que chorasse tanto; por isso, a consola.

(Fonte: CEREJA, W. Roberto; MAGALHÃES, T. Cochar, 2010, p. 87).

Ainda de acordo com essas questões, temos uma abordagem que se relaciona a estrutura composicional da HQ. Assim, os autores nos apresentam as características do gênero ao mencionar os balões, sendo estes elementos típicos da estrutura dos quadrinhos e também o locus da linguagem verbal; o formato mais comum, que é o retângulo, o qual é separado por linhas retas. Além disso, eles mencionam a quantidade de quadrinhos, que não segue um padrão, pois depende do conteúdo e da finalidade do gênero. Para situar o aluno, os autores trazem uma passagem da história como forma de ilustração.

Figura 4

3. O formato mais comum e tradicional dos quadrinhos é o retângulo, delimitado por linhas retas que servem para separá-los. Considerando o que você conhece sobre histórias em quadrinhos, responda: Existe um número padrão para a quantidade de quadrinhos de uma história? Não.



(Fonte: CEREJA, W. Roberto; MAGALHÃES, T. Cochar, 2010, p.87)

Dos aspectos inerentes aos gêneros, citados por Bakhtin, os autores nas questões não exploram a finalidade da HQ *Nina em coisas da vida*. Nesse sentido, é necessário que o professor, como mediador, interrogue os alunos sobre a finalidade da HQ para que eles possam desenvolver sua capacidade interpretativa e, sobretudo, crítica.

Ainda relacionado à HQ de Ziraldo, é importante destacar que a tipologia textual, “uma espécie de construção teórica definida pela natureza linguística de sua composição” (MARCUSCHI, 2008, p.154), é a narrativa. Dentro desse contexto, são abordados os elementos da narrativa, como: personagem, tempo, espaço, narrador, como uma forma de detalhar o enredo para o aluno.

Analisando a unidade abordada, mas já no capítulo 2, especificamente, na seção *Produção de texto*, observamos ainda um trabalho dos autores com o gênero HQ, porém, exemplificado através de tiras. Nessa seção, então, a tira de Nicolau Lucas Lima é apresentada com o objetivo de trabalhar a linguagem, uma característica de um dos aspectos elencados por Bakhtin, o estilo.

Texto 2

Produção de texto

► HISTÓRIA EM QUADRINHOS (II)

A linguagem dos quadrinhos

Leia esta tira:

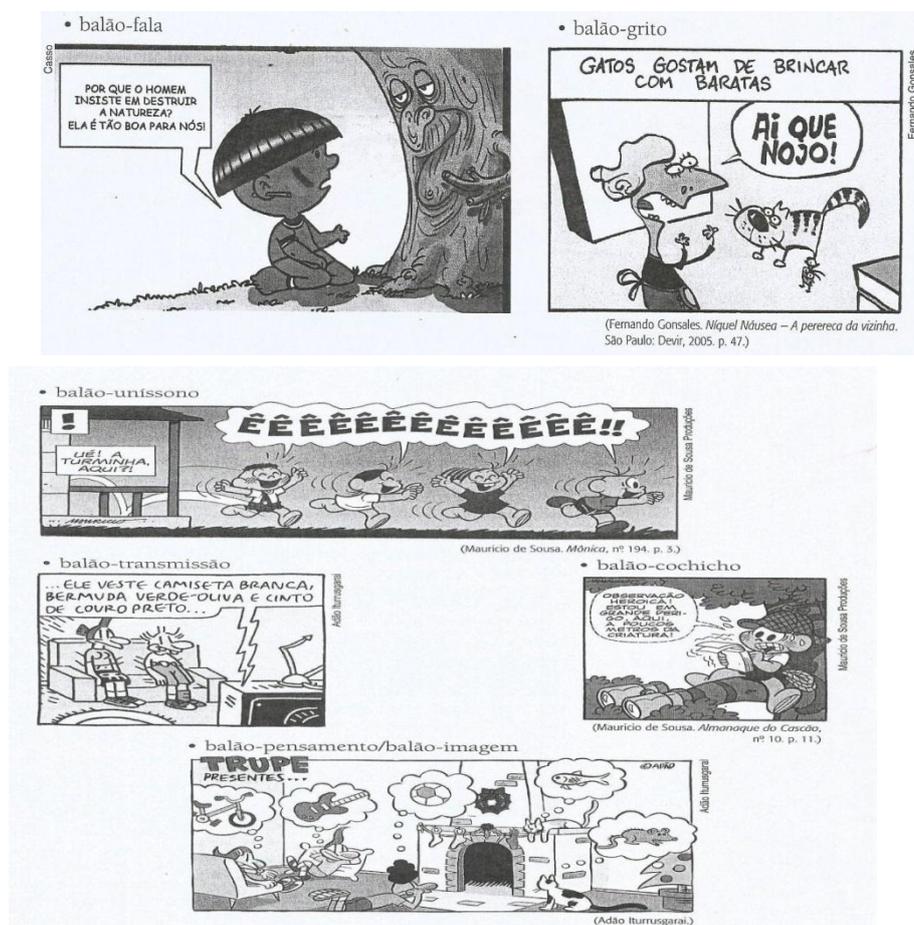
(Lucas Lima. Nicolau — Primeiras histórias. Araraquara, SP: Junqueira&Marin, 2007. p. 40.)

(Fonte: CEREJA, W. Roberto; MAGALHÃES, T. Cochar, 2010, p. 102)

Apresentada a tira, os autores trazem um questionário voltado para a linguagem verbal por meio de onomatopeias (Pou!,Crás! e Bloft!) e de interjeição (Ah!). A partir dessa linguagem, que se caracteriza pela informalidade, e também da linguagem não-verbal, o aluno pode construir os sentidos com auxílio do professor, observando alguns traços da personagem, como: expressão facial, movimentos corporais e gestos que são reforçados por meio da fala contida nos balões.

Com essa tira, os autores introduzem os diferentes formatos de balões, sendo estes característicos da estrutura composicional do gênero HQ. Assim, podemos perceber que cada formato de balão traz uma ideia diferente, pois pode apresentar a fala e o pensamento das personagens, assim como os seus sentimentos: alegria, raiva, ódio. Para melhor situar o aluno, os autores trazem as ilustrações expostas abaixo:

Figura 5



Baseando-se na abordagem voltada para os diferentes formatos de balão na tira, Cereja e Magalhães propõem uma atividade em que o aluno trabalhe com a produção de sentido através da linguagem verbal/informal. Além disso, é proposta também outra atividade baseada na produção de um diálogo, devendo ser observado à sequência das ilustrações, a expressão facial e corporal das personagens.

Visando interligar outros aspectos que compõem as HQs, os autores ainda trazem um enfoque nos recursos visuais, os quais estão relacionados à tonalidade das cores, que possibilitam ao aluno uma noção do tempo e do espaço. Cereja e Magalhães também aborda outro recurso: a legenda, não muito utilizado nos quadrinhos, mas que pode apresentar ou caracterizar as personagens; além de sugerir modo, lugar, tempo, etc.

Vale destacar que nesse capítulo outras tiras são apresentadas pelos autores, mas com a finalidade de trabalhar a interpretação e, principalmente, os elementos gramaticais. Nesse sentido, notamos uma proposta tradicional que necessita de uma postura mais crítica do professor para abordar a HQ num sentido mais amplo.

E, por fim, no capítulo 3, a seção “Produção de texto” mostra, inicialmente, como se produzir uma história em quadrinhos, mostrando passo a passo a sua estrutura composicional. Para isso, os autores trazem a importância, antes mesmo desta produção, de se criar as personagens por meio dos desenhos, já tendo em mente suas características físicas, comportamentais, de fala, etc. Nesse contexto, os autores apresentam a seguinte tira de Mauricio de Sousa:

Texto3



(Fonte: CEREJA, W. Roberto; MAGALHÃES, T. Cochar, 2010, p.123).

Logo após a apresentação dessa tira, consta um questionário contendo questões referentes às características próprias das personagens como: Cebolinha trocar o “r pelo l” (fenômeno conhecido por rotacismo); a descrição física da personagem Mônica e Pinóquio com seus, respectivos, estereótipos.

Voltando-se para o passo a passo da estrutura composicional das HQs, Cereja e Magalhães destaca que o título da história vem geralmente no primeiro quadrinho ou, até mesmo, antes dele. É importante também destacar que quando a história não possui um título, o nome da personagem principal será incluído no primeiro quadrinho. Já o último quadrinho contém a parte mais engraçada e o nome fim.

As etapas de produção de uma HQ, antes de sua publicação, estão voltadas para o argumento e o esboço; o desenho e o acabamento. Para isso, os autores mostram que o argumento está relacionado a um possível resumo ou rascunho da história. Os desenhos são feitos a lápis, após o desenhista ter em mãos o texto revisado. E, por fim, no acabamento, os desenhos ganham cores. Após essas etapas, é proposta aos alunos a produção de uma história em quadrinhos, organizando, desde já, o material para o projeto a ser desenvolvido na seção *Intervalo*.

Diante da análise das HQs na Unidade 2, do livro de Cereja e Magalhães, observou-se que os aspectos inerentes ao gênero: estrutura composicional, conteúdo, estilo e finalidade foram abordados de maneira significativa. Entretanto, a finalidade foi trabalhada de forma implícita. Vale salientar que, nos capítulos 2 e 3, não foi trabalhada nenhuma HQ, porém foram explicados os aspectos inerentes ao gênero, exemplificados através de tiras, estas, por sua vez, não foram exploradas como um gênero textual, apenas serviram de exemplo para o trabalho com as HQs.

Cabe ainda ressaltar que o livro desempenhou um papel positivo na medida em que realizou um trabalho voltado para a leitura, à interpretação e a produção de textos, produção de sentido e a constituição e produção dos gêneros.

CONCLUSÃO

Diante do que foi dito sobre os gêneros textuais, segundo os teóricos abordados nesse trabalho, é importante destacar que o trabalho com os gêneros possibilita ao aluno o contato com os variados textos orais ou escritos que circulam na sociedade. Nesse contexto, os PCNs destacam que o ensino pautado no estudo dos gêneros contribui com o processo de ensino-aprendizagem, na medida em que amplia os aspectos relacionados à leitura, à interpretação e produção textual, a construção de sentido e a constituição e características da história em quadrinhos.

Nesse trabalho, escolhemos analisar como as HQs foram abordadas no livro didático, tendo em vista os aspectos inerentes à estrutura composicional, conteúdo, estilo e finalidade. É notório também destacar que o livro, utilizado para a análise desse corpus, trabalha seguindo as orientações dos PCNs, em que os gêneros devem ser utilizados na sala de aula. Ademais, é importante frisar que no manual do professor há aparato e um embasamento teórico direcionado aos gêneros textuais.

Assim, de acordo com a análise realizada, verificou-se que o trabalho com as HQs foi abordado de maneira satisfatória, mas, infelizmente, ainda enfatiza o gênero como pretexto para o ensino de gramática. Por isso, estima-se uma prática de ensino em que o professor, como mediador, interrogue os seus alunos sobre os aspectos inerentes ao gênero para que eles possam desenvolver sua capacidade interpretativa e, sobretudo, crítica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Katiana de J.; MENEZES, Meiryelle P.; MITMA, Simone de M.. A instrumentalização das histórias em quadrinhos na sala de aula. *Interdisciplinar*, Sergipe, v.10, n. 2010. Disponível em: <http://200.17.141.110/periodicos/interdisciplinar/revistas/ARQ_INTER_10/INTER10_Pg_245_261.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2014.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra; prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov. 4ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português: Linguagens*. 6ª ed. São Paulo: Atual, 2010.

COSTA VAL, Maria da Graça. *Redação e textualidade*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FARIA, Sandra L. S. *Gêneros textuais em livros didáticos: uma análise de duas coleções do Ensino Médio*. 2013. 167 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2013.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.

HEMAIS, Bárbara; BIASI-RODRIGUES, Bernadete. A proposta sócio-retórica de John M. Swaeswlef para o estudo de gêneros textuais. In MEURER, J. L.; BONINI, Adair; MOTA-ROTH, Desirée; (orgs.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005, p. 108-129.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Desvendando os segredos do texto. In _____. 7º ed. São Paulo: Cortez, 2011, p. 53-59.

MARCUSCHI, Luiz Antoni. Gêneros textuais no ensino de língua. In _____. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008, p. 146-225.

MENDONÇA, Márcia R. de Souza. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In. DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. São Paulo: Parábola editorial, 2010, p. 209-219.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. *Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática*. In _____. São Paulo: Parábola, 2010.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. Gêneros orais e escritos na sala de aula. In. ROJO, Roxane; CORDEIRO, Glais Salles (orgs.). Trad. Roxane Rojo; Glais Salles Cordeiro. Campinas: Mercado Aberto, 2004.

SEGATE, Aline. *Gêneros textuais no ensino de Língua Portuguesa*. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/download/37333/40053>>. Acesso em: 15 nov. 2014.